



Apresentação

A intolerância não religiosa é um fenômeno religioso, social e político que acontece exclusivamente em solo brasileiro. Um breve panorama histórico nos mostra que a intolerância ainda é um dos maiores desafios para a construção da coexistência pacífica em várias partes do mundo. Mesmo garantida por lei, a liberdade religiosa não é uma realidade para todas as religiões no Brasil. Prova disso é que nos últimos anos assistimos um crescimento significativo dos casos de intolerância religiosa no nosso país e, principalmente, na cidade do Rio de Janeiro. Diante do presente cenário nacional, onde as liberdades (políticas, social e religiosas) estão ameaçadas pelo avanço dos conservadorismos, o **Dossiê: História Social da Intolerância Religiosa na Contemporaneidade tem por objetivo** trazer para o campo do debate as análises acadêmicas de trabalhos, estudos e pesquisas que possam contribuir para o fortalecimento da tolerância, das liberdades, diversidades, da equidade, pluralidade e da coexistência pacífica no Estado brasileiro.

Autores e autoras presentes nessa edição da Revista Jesus Histórico contribuem significativamente para entrarmos em contato com partes das reflexões sobre as construções epistemológicas e empíricas sobre a intolerância religiosa na contemporaneidade e seus impactos nas relações sociais cotidianas. Tais artigos contribuem, justamente, para o fortalecimento e estudo do tema nos núcleos de pesquisas dentro e fora do espaço acadêmico.

Abrimos o nosso Dossiê com o artigo **Em torno de um Candomblé carioca: novas evidências e ensaios preliminares sobre experiências religiosas e africanos ocidentais no Rio de Janeiro Oitocentista**, escrito por Valéria Costa e Flávio Gomes. Em suma, os autores buscam levantar hipóteses que possam articular a existência de várias tradições religiosas africanas, no Rio de Janeiro, ao longo do século XIX, muitas das quais associadas a diferentes grupos étnicos e/ou de procedência da Região Ocidental da África.

Já no artigo **Liberdade(s) Religiosa(s) e a formação de professores de História**, Iamara da Silva Viana busca apresentar reflexões iniciais acerca da

intolerância religiosa no Brasil como um dos elementos do racismo cotidiano forjado a partir do processo de colonização iniciado no século XVI e da escravização de africanos e de seus descendentes. Para tal, a autora desse brilhante artigo, utiliza o conceito *Outridade*, formulado por Grada Kilomba, afim de analisar as principais leis que, a partir da instituição de uma República no Brasil, demonstra, ao menos teoricamente, narrativas de liberdade religiosa construídas ao longo dos mais de 350 anos de escravização de povos africanos e de seus descendentes.

Sérgio Ricardo Coutinho, em artigo **“Repressão na Igreja no Brasil: Reflexo de uma Situação de Opressão EPRESSÃO NA IGREJA NO BRASIL”:** **A intolerância do Regime Militar à subversão da religião tradicional**, faz uma análise sobre ação do Regime Militar em conter membros da Igreja Católica (bispos, padres, religiosas e leigos) tinham se tornado “estranhos”, “diferentes”, “fora da normalidade”, cristãos progressistas. O autor busca apresentar estudo elaborado pelo *Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI)*, de dezembro de 1978, com dados quantitativos e qualitativos sobre os efeitos da intolerância e da perseguição do Regime Militar frente aos cristãos católicos, nos dez anos de vigência do *Ato Institucional nº 5* (1968).

Bruna Milheiro Silva, em seu artigo **A intolerância religiosa e o racismo religioso no cenário brasileiro: A contribuição da ética mundial para a abordagem das religiões de matrizes africanas na escola**, discorrer sobre o racismo religioso no Brasil, especialmente aquele direcionado às religiões de matrizes africanas enfatizando a proposta de princípios éticos inerentes às religiões.

No artigo **Em nome do pai, do filho e de quem mais? Abordagem sobre a universalidade a oração do Pai Nosso**, os autores Ivanir dos Santos e Lavini Catro têm por escopo fazer uma brevíssima reflexão acerca do caráter laico do Estado Brasileiro, utilizando como pano de fundo o ambiente escolar. Para tal, os autores desenvolveram uma pesquisa quantitativa e qualitativa direcionada a profissionais da educação afim de analisar suas opiniões sobre a prática da oração do Pai Nosso no ambiente escolar que se preza como laico.

Sobre as análises entre os aspectos públicos e privado, Sarah Ramos Cruz Mendes, em seu artigo **Notas sobre racismo religioso e o Estado – controvérsias entre o público e o privado**, nos trás uma reflexão sobre o conceito de racismo religioso. Para tal, a autora analisa as diferenciações entre intolerância e discriminação como nuances específicas das religiões de matrizes africanas nos âmbitos público e privado.

No artigo **Neopentecostalismos, Racismo Religioso e Intolerância Religiosa. As Religiões Afro-brasileiras nas Páginas dos Jornais**, os autores Luiz Fernando Conde Sangenis e Geiziane Angélica de Souza Costa enfatizam que a

garantia jurídico-legislativa das liberdades religiosa e de culto, alcançada pela sociedade brasileira, ao longo dos séculos, não extinguiu o preconceito e a intolerância com relação às religiões afro-brasileiras. Com base em matérias jornalísticas, os autores evidenciam um crescimento no número de casos de intolerância e de racismo religioso, com o uso da violência, perpetrados por membros de religiões cristãs neopentecostais. Algo que endossa, cada vez mais, a necessidade de construções e promulgações de políticas públicas que possam fomentar a tolerância e a equidade dentro da sociedade brasileira.

Jerônimo da Silva e Silva, em seu artigo **Entre a centelha e a queimada: racismo, COVID-19 e neoliberalismo no sudeste do Pará, buscar**, através de pesquisa de campo antropológica, analisar como as práticas neoliberais, não apenas se relacionam, mas tem como fundamento certa concepção de racismo que possibilita, neste contexto de pandemia, a renovação de ataques à diversidade étnico e cultural.

No artigo **Religiões e Domínio: Uma Abordagem sobre a Relação entre Linguagem Visual e Poder Simbólico em Favelas Cariocas**, a autora Viviane Costa propõe uma abordagem sobre a relação entre linguagem visual religiosa e poder simbólico a partir do avanço do novo movimento pentecostal brasileiro e a pentecostalização de favelas na cidade Rio de Janeiro. A autora pontua em suas análises que a insegurança e vulnerabilidades sociais configuram ambiente propício para a expansão do fenômeno que cresce em lugares denominados como territórios de pobreza.

Juliana B. Cavalcanti e Júlio Célis Moreira Costa, em **As formas como os meios de comunicação praticam (in) tolerância religiosa contemporânea: um estudo de caso da reportagem da Rede Globo sobre a criação de uma pasta de assuntos religiosos na cidade de Belford Roxo em 2019**, buscam apontar as formas de comunicação intolerante, para com as diversas religiões, veiculada nos meios de comunicação quando tais religiões são acionadas pelo poder público governamental de uma cidade, neste caso o município de Belford Roxo, na construção de políticas públicas em favor da sociedade como um todo.

O artigo de Victor Carlos Santos de Oliveira e Raphael da Silva Garcêz, intitulado **O despontamento de religiões de matriz africana em um contexto majoritariamente cristão: Samba da Jurema como agente transformador das relações estruturais da intolerância religiosa nas cidades de Volta Redonda e Barra Mansa**, busca refletir sobre uma nova visão da população de duas cidades do sul do estado do Rio de Janeiro em relação ao panorama religioso, majoritariamente cristão, sobretudo em relação as transformações ocorridas após o surgimento de um forte movimento sócio cultural musical de samba.

No artigo **Práticas de cuidado e espiritualidade no contexto das religiões de matriz africana e do racismo: notas para resistência antirracista**, Caroline Guilherme, Ana Lúcia Cardoso do Nascimento e André Luiz da Silva buscam fazer reflexões acerca da integralidade do cuidado em saúde no contexto das práticas das religiões de matrizes africanas, considerando a espiritualidade e a trajetória histórica dos povos que foram escravizados, marcada pela violência física, simbólica e epistêmica em todo processo de colonização e atualizadas pela colonialidade.

Leonardo Mattos da Costa, em seu artigo **Lugar de Memória e Luta: A Construção do Marco Zero da Umbanda, em São Gonçalo/RJ**, apresenta uma breve discussão sobre conceitos e temas relacionados à busca e à materialização das memórias na cidade, a partir da destruição de testemunhos materiais e reconstrução de um lugar da recordação, bem como discutir a trajetória de construção do Marco Zero da Umbanda, a partir da Praça Zélio Fernandino de Moraes, no bairro de Neves, em São Gonçalo, após a demolição da casa onde nasceu a religião brasileira, em 2011.

Rogério José de Souza, em seu artigo **Pensando as religiões afro-brasileiras: algumas inconclusões e apontamentos**, traz apontamentos iniciais sobre a questão hierarquizações raciais de negros e africanos, bem como suas religiosidades e os estigmas que em fenômeno de longa duração continuam subsidiando de sentidos e significados o imaginário social.

Já o artigo **Aspectos Históricos da Intolerância Religiosa no Brasil**, escrito por Camila Tavares Rodrigues, apresenta um breve panorama histórico sobre o processo de resistência das religiões afro-brasileiras desde o Brasil colônia, onde predominava os interesses da igreja católica, até as perseguições racistas e religiosas conservadoras que acontecem, até os dias atuais, no Brasil contemporâneo.

Glauber Henrique C. Rocha busca, em seu artigo **Protestantismo e a Questão Racial: é Possível Respirar?**, apresentar ações de representantes políticas que integram a Frente Parlamentar Evangélica, que reproduz discursos racistas embasados em percepções teológicas presentes na estrutura de determinadas denominações evangélicas marcadas pelo fundamentalismo.

Thamires Guimarães, em seu artigo **Nós Dependemos do feitiço: Imprensa e Perseguição aos Candomblés no Rio de Janeiro do Início do Século XX**, analisa alguns personagens da história da formação dos Candomblés na cidade do Rio de Janeiro, buscando em suas histórias pessoais traçar um panorama da perseguição religiosa institucionalizada pela Primeira República. Para tal, a autora utiliza como base a obra de João do Rio "As Religiões no Rio" e a matéria do jornal

Gazeta de Notícias intitulada “Galeria dos Feiticeiros” em que três personagens são expostos.

Em **Entre a cruz e a caneta: disputas discursivas sobre afro religiosidade nos livros didáticos de história, os autores** Marcus Leonardo Bomfim Martins e Vitor Sader Guimarães Dias utilizam a Teoria do Discurso, de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, e os conceitos fundados pelo pós-fundacionalismo, na análise dos discursos historicamente produzidos sobre as religiões de matriz africana hegemônicas no contexto nacional e os seus impactos no campo da educação, especialmente nos livros didáticos.

Kleber Lucas Costa e Filipe Motta Ribeiro, nos apresentam uma brevíssima resenha sobre o livro **Marchar não é Caminhar: Interfaces políticas e sociais das religiões de matrizes africanas no Rio de Janeiro contra os processos de Intolerância Religiosa**, de autoria do professor Ivanir dos Santos, publicado pela editora Pallas, em 2019.

Mariana Gino e Ana Hortência Egito de Macedo, nos apresentam uma belíssima entrevista, realizada com o Professor Doutor Lazare Ki-Zerbo, sobre a intolerância religiosa como um dos maiores desafios para as sociedades contemporâneas.

Acreditamos que, ao evidenciar trabalhos e pesquisas que corroboram para a compreensão da História Social da Intolerância Religiosa, fazem valer os anseios para o fortalecimento de pesquisas e campos de pesquisas que propõem um outro olhar sobre as experiências religiosas dos seguimentos marginalizados na sociedade. Boa leitura!

Coordenadores

Carlos Alberto Ivanir dos Santos¹

Mariana Gino²

¹ Pós-Doutorando em História Comparada (UFRJ), membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, do Laboratório de História das Experiências Religiosas (LHER-UFRJ) e Laboratório de Estudos de História Atlântica das sociedades coloniais pós-coloniais (LEHA-UFRJ). Coordenador da Coordenadoria de Religiões tradicionais Africanas, Afro-brasileiras, Racismo e Intolerância Religiosa (ERARIR/LHER). Conselheiro estratégico do Centro de Articulações de Populações Marginalizadas (CEAP), Interlocutor da Comissão de Combate a Intolerância Religiosa (CCIR), Conselheiro Consultivo do Cais do Valongo. Tem experiência nas seguintes áreas; Educação, Direitos Humanos e Cidadania; Relações Internacionais; Étnicos Raciais e Questões Africanas (religiões e experiências religiosas de matrizes africanas no Brasil).

² Doutoranda em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Especialista em Ciências da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, bacharel em Teologia pelo (ITASA-CES/JF/PUC-MINAS) e em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora, licencianda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Membro dos grupos de pesquisa Religião e Modernidade (PUC-MINAS) e grupo de estudo Áfricas (UFJF). Coordenador da Coordenadoria de Religiões tradicionais Africanas, Afro-brasileiras, Racismo e Intolerância Religiosa (ERARIR/LHER).